

Estudantes de origem popular e afiliação institucional

Ava da Silva Carvalho Carneiro
Sônia Maria Rocha Sampaio

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

CARNEIRO, ASC., and SAMPAIO, SMR. Estudantes de origem popular e afiliação institucional. In: SAMPAIO, SMR., org. *Observatório da vida estudantil: primeiros estudos* [online]. Salvador: EDUFBA, 2011, pp. 53-69. ISBN 978-85-232-1211-7. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

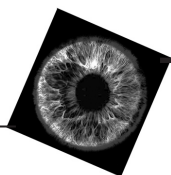


All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

ESTUDANTES DE ORIGEM POPULAR E AFILIAÇÃO INSTITUCIONAL



AVA DA SILVA CARVALHO CARNEIRO
SÔNIA MARIA ROCHA SAMPAIO

INTRODUÇÃO

A entrada em uma universidade impõe ao jovem uma mudança radical em sua rotina. O cotidiano das escolas de ensino médio diverge marcadamente do cotidiano de um curso universitário. Além das mudanças no contexto educacional, o estudante ainda precisa lidar com as transições que são típicas da juventude. Para Coulon (2008), tornar-se um estudante universitário é aprender um ofício, mesmo que temporário, para não fracassar no percurso acadêmico. Usando a linguagem etnometodológica, ser estudante universitário, é tornar-se membro, afiliar-se institucionalmente e intelectualmente à vida universitária.

As exigências de uma graduação são partilhadas por todos os estudantes, no entanto, é preciso levar em conta que, para a maioria dos jovens pobres, esse sempre foi um universo praticamente impenetrável.

Essa questão é essencial para compreender a rotina de estudantes de origem popular, em um momento em que a universidade é forçada a se democratizar pela pressão histórica dos movimentos populares. O objetivo principal deste capítulo é investigar aspectos da formação do estudante universitário de origem popular, mapeando os elementos relacionados à sua permanência na universidade a partir do modo como eles se afiliam às rotinas acadêmicas. Mais especificamente, volta-se para a identificação das estratégias utilizadas pelos estudantes para compreenderem a rotina institucional da universidade.

A entrada significativa de jovens de origem popular nas universidades brasileiras, principalmente em cursos de alto prestígio social, é um fato recente. Segundo Piotto (2007, p. 3), em uma pesquisa realizada durante o processo de implantação das políticas de ações afirmativas nas universidades brasileiras, “[...] dada a elitização de alguns cursos, tanto nas instituições públicas quanto nas particulares, a presença de alunos das camadas populares neles constitui exceção [...]”.

O sistema de cotas gera um debate contundente dentro e fora do ambiente acadêmico, ao possibilitar o acesso desse segmento de jovens, nas principais universidades públicas do país, a cursos tradicionalmente destinados às elites. Quase todos têm uma opinião sobre a entrada desses estudantes pobres no ensino superior. De acordo com Netto e Sá (2004), duas posições distintas são tomadas em relação às políticas de ações afirmativas, sejam elas direcionadas ou não para a população negra: as pessoas revelam atitudes a favor ou contra as cotas. Dificilmente alguém demonstra imparcialidade diante do tema. No entanto, a permanência desses estudantes e as políticas de assistência voltadas para garanti-la, habitualmente não fazem parte deste acirrado debate.

Diante de um tema ainda recente e dos poucos estudos sobre os caminhos percorridos por esses jovens nas universidades, surge minha inquietação frente à possibilidade de contribuir para o avanço desse debate, interessada em compreender como a permanência desses estudantes se dá e como eles próprios a vivenciam e significam.

Este artigo faz parte de uma investigação sobre o cotidiano dos estudantes que tiveram acesso a cursos de alto prestígio social da Universidade Federal da Bahia, através das políticas de ações afirmativas, e propõe se aproximar dos meandros de sua permanência na universidade, no sentido de compreender as contingências a que estes estudantes estão sujeitos e de que forma eles percorrem seus itinerários, driblando adversidades ou, eventualmente, sucumbindo a elas. Dessa forma, torna-se possível compreender as diferentes maneiras que esses estudantes se utilizam para vivenciar seu cotidiano na universidade a partir de suas próprias percepções e entendimentos. O referencial teórico adotado é a Etnometodologia, vertente sociológica definida como “[...] a pesquisa empírica dos métodos que os indivíduos utilizam para dar sentido e ao mesmo tempo realizar as suas ações de todos os dias: comunicar-se, tomar decisões, raciocinar”. (COULON, 1995a, p. 30) A Etnometodologia propõe-se a investigar os etnométodos desenvolvidos pelos sujeitos, ou seja, as ações engendradas pelas pessoas em suas ações cotidianas.

OS ESTUDANTES APROXIMAM-SE DA UNIVERSIDADE

Nesta investigação, tomou-se como universo a UFBA, constituindo-se, como amostra desse estudo, os estudantes de origem popular, mais especificamente os jovens que ingressaram na universidade pelo sistema de cotas. Esta seleção foi necessária, a fim de investigar as dificuldades e as conquistas desses estudantes durante sua permanência na universidade, relacionadas ao processo de afiliação institucional, ou seja, à compreensão da rotina institucional da universidade.

Todos os estudantes pertenciam a cursos definidos como sendo de maior prestígio na Universidade Federal da Bahia. Para estabelecer quais seriam esses cursos de alto prestígio social, utilizei como referência o trabalho realizado por Queiroz (2004). Esta autora, em um artigo sobre a presença/ausência dos negros nas universidades brasileiras, discute o prestígio de alguns cursos de graduação, a partir de uma

pesquisa, realizada na Região Metropolitana de Salvador, sobre o valor das profissões no mercado de trabalho. De acordo com Queiroz, esta pesquisa tomou como referência o elenco de cursos oferecidos pela UFBA e que resultaram em uma escala de prestígio de cinco posições – Alto, Médio alto, Médio, Médio baixo e Baixo. Essa mesma escala de prestígio respaldou, posteriormente, um estudo sobre as desigualdades raciais na UFBA. Dentre os cursos de alto prestígio social estavam: Medicina, Direito, Odontologia, Administração, Processamento de Dados, Engenharia Elétrica, Psicologia, Engenharia Civil, Engenharia Mecânica, Arquitetura e Engenharia Química. Resolvi investigar apenas trajetórias de estudantes de Medicina, Direito, Odontologia e uma das Engenharias supracitadas. Selecionei esses cursos por conta da sua tradição social e porque eles compartilham um mesmo aspecto: todos os profissionais dessas áreas são imediatamente tratados como doutores, independente de apresentarem essa titulação acadêmica. Foi realizada uma entrevista com cada estudante, além de observações participantes de atividades por eles realizadas e vinculadas à sua vida universitária.

O estudante de Direito é um residente universitário, chegou a Salvador um ano antes do vestibular para fazer cursinho e vivia em uma residência da sua própria cidade. A estudante de Medicina também morava no interior, em uma comunidade remanescente de quilombos, e veio a Salvador fazer cursinho, pois não havia sido aprovada na sua primeira tentativa de acesso ao curso. Ela mora em Salvador, na casa de um casal onde sua tia trabalhou durante alguns anos, em um bairro nobre da cidade. O terceiro estudante cursa Odontologia. Ele vive em uma das residências universitárias e antes morava em uma cidade do interior próxima a Salvador. Diferente dos outros entrevistados, passou no vestibular assim que concluiu o ensino médio. Ele fez cursinho paralelamente ao 3º ano, o que facilitou seu acesso à universidade. Assim que chegou do interior, tentou uma vaga para residência, mas não conseguiu, por isso morou um tempo na casa de seu padrinho, com uns primos, em um bairro popular, distante da universidade. Quase um ano depois, conseguiu a vaga pleiteada na residência, o que facilitou

bastante sua permanência. O último sujeito entrevistado, o estudante de Engenharia, sempre morou em Salvador e estudava em um colégio público referência, situado em um bairro nobre.

Não houve aplicação de questionários para identificar aspectos que pudessem revelar a origem popular desses estudantes ou que fossem utilizados como critério para sua participação. Defendo que, em alguma medida, as histórias de vida desses jovens revelam suas origens e apenas aproximando-me deles e conhecendo um pouco mais o perfil de cada um é que poderia avaliar se eles se configuravam como sujeitos possíveis da minha investigação. Expliquei também, a todos, que era esse o termo que utilizava para designá-los no meu projeto – estudantes de origem popular – e indaguei se eles tinham alguma oposição a essa denominação; todos disseram que não, afirmando reconhecerem-se nessa classificação. Piotto (2007, p. 28) afirma que “[...] as condições de existência das camadas populares, assim como das demais camadas sociais, não constituem uma realidade homogênea”. Essa autora desenvolveu uma pesquisa sobre estudantes de origem popular em uma universidade pública e, por conta de uma dificuldade de definição do conceito de “classe média”, bem como as críticas existentes em relação a esse conceito, ela optou por utilizar o termo *camadas populares*, da mesma forma que havia utilizado em outra pesquisa anterior o termo *camadas médias*. Assim como Piotto (2007), defendo o uso do termo *origem popular* na minha pesquisa.

Para selecionar os entrevistados, destinei apenas uma única pergunta que estava relacionada ao nível de escolaridade dos seus pais: perguntei a eles se seus pais possuíam nível superior. Todos disseram que não; apenas a estudante de Medicina afirmou que sua mãe cursava atualmente uma graduação, em uma instituição privada de ensino superior, na região onde morava, tendo entrado na faculdade depois dela. Essa pergunta era importante para compreender o quanto esses estudantes estavam familiarizados com a noção de universidade, quais prenoções eles possuíam acerca desse universo e de que forma seus processos de afiliação seriam influenciados por essas prenoções. De

acordo com Coulon (2008), o processo de afiliação é uma condição para ingressar em novas modalidades da vida intelectual, por isto essa noção torna-se fundamental dentro da discussão sobre permanência de estudantes de origem popular na educação superior.

ALGUMAS NOTAS SOBRE O CONCEITO DE AFILIAÇÃO

Na obra *Etnometodologia e educação*, Coulon (1995b) já apresenta algumas noções sobre o conceito de afiliação, que nesta edição foi traduzida como *filiação*. O interesse do autor por este conceito parte de uma pesquisa desenvolvida por ele sobre a entrada dos estudantes na vida universitária. Coulon (1995b) destaca referências centrais para a elaboração desse conceito, como a noção de *habitus* de Bourdieu e a noção de membro proposta por Harold Garfinkel. As ideias defendidas por esses autores fundamentam o conceito, desenvolvido por Alain Coulon, que deu origem ao livro *A condição de estudante: a entrada na vida universitária*, de 1997, traduzido para o português em 2008.

Ainda em *Etnometodologia e educação*, Coulon (1995a) mostra uma clara associação entre o conceito de afiliação e a noção de membro. Para o autor, o estudante afiliado é aquele cuja competência torna-se uma rotina, ele possui todas as características de um membro e desenvolve as tarefas sem estranhamento. A afiliação do sujeito implica no fato dele deixar de pensar no que está fazendo e simplesmente conseguir desenvolver as ações cotidianas de uma forma “automática”. No livro *A condição de estudante*, o autor amplia sua definição e afirma que a afiliação é o método pelo qual as pessoas adquirem um novo *status* social. Podemos pensar na noção de afiliação como um processo contínuo, que se repete ao longo da vida do sujeito, cada vez que ele precisa se tornar membro de um novo grupo e assimilar novas funções, desenvolver novas tarefas.

Da mesma forma que o sujeito se mobiliza para novas aprendizagens, ele também carrega, em parte, um antigo *habitus*, referência à noção desenvolvida por Pierre Bourdieu, que defende que o sujeito tende

a reproduzir um sistema de condições objetivas das quais é produto. Coulon (1995b, p. 156) ressalta, no entanto, que:

[...] a sociologia dos *habitus* de P. Bourdieu dá conta das condições estruturais que pesam sobre essa passagem, mas, em compensação, não chega a mostrar como ela se efetua concretamente, nem quais formas assume a objetivação prática dos atores que efetuam tal passagem.

O que interessa à compreensão do processo de afiliação é o modo como os atores desenvolvem determinadas tarefas, ao se depararem com um novo contexto, como elaboram as ações no grupo a fim de conseguirem se tornar membros.

Coulon (1995a, 1995b) dedica-se exclusivamente ao processo de afiliação educacional, mais precisamente ao processo de afiliação à vida universitária, que define a transição do ensino médio para a educação superior. Para ele, a entrada do estudante na educação superior é marcada por três tempos: o tempo de estranhamento, no qual o estudante se depara com um universo desconhecido, bem diferente da instituição escolar da qual fazia parte; depois, ele atravessa o tempo da aprendizagem, uma etapa marcada por adaptações e acomodações progressivas e, por fim, o tempo da afiliação, onde o estudante já compreende as normas e regras institucionais e adquire o *status* de membro: aprendeu o ofício de estudante universitário.

Uma conclusão satisfatória da graduação requer este processo de afiliação, que se subdivide em dois âmbitos: o intelectual e o institucional. No âmbito intelectual, o estudante deve atender ao que Coulon (2008) define como exigências acadêmicas em termos de conteúdos intelectuais, métodos de exposição do saber e dos conhecimentos. Já a afiliação institucional refere-se à aprendizagem dos códigos do ensino superior, à utilização da instituição em termos de assimilação das práticas e rotinas, uma afiliação às características administrativas. O estudante afiliado institucionalmente é aquele que compreende e segue as normas da instituição, seu funcionamento e seus prazos. Para

Malinowski (2008), a noção de afiliação é extremamente frutífera, por levar em consideração tanto as dimensões subjetivas, com as dimensões simbólicas da relação que os estudantes desenvolvem com a vida universitária. Este autor salienta também que a definição de afiliação sustentada por Coulon (2008) deve abranger, não apenas o conhecimento explícito das regras, mas a reinterpretção e apropriação delas como um novo atributo de competência desenvolvido pelo estudante.

Nas entrevistas, busquei compreender como os estudantes lidavam com as situações vinculadas à permanência na universidade, considerando as condições adversas às quais eles estiveram rotineiramente submetidos. Era necessário saber como eles lidavam com as normas e regras da universidade, enfim, com o funcionamento característico do ensino superior. O conceito definido por Coulon (1995a, 2008) aponta para duas questões centrais na permanência do estudante em relação à universidade: a compreensão da instituição universitária em si, com seus modos próprios de funcionamento, e a compreensão do conteúdo intelectual desenvolvido nas salas de aula. Embora haja outras dinâmicas envolvidas na questão da permanência do estudante universitário, todas elas irão desembocar no processo de afiliação, seja ele intelectual ou institucional. Essas outras dinâmicas são principalmente de natureza relacional, sejam relações com a família ou com outros estudantes, e formam os “arquipélagos de certeza” (MORIN, 2000) que asseguram ao jovem parte da sua inserção institucional e intelectual na universidade. Para Morin (2000), dentre os “arquipélagos de certeza”, há um oceano de incertezas, situações imprevisíveis a serem combatidas com estratégias. Essas estratégias, por sua vez, são o interesse central desta investigação.

Acredito também que um estudante pode concluir um curso de graduação sem necessariamente afiliar-se a esses elementos, mas inevitavelmente, seu processo de conclusão do curso não acontecerá de forma satisfatória. Embora este artigo se detenha sobre aspectos relacionados à afiliação institucional, durante as entrevistas, os estudantes apontaram outras questões que possivelmente estão associadas à

permanência na universidade, como as relações com os familiares e a trajetória escolar/educacional. Foi preciso considerar cada fala desenvolvida por eles, suas referências e desta forma prosseguir com a análise para apontar novos elementos e direcionamentos.

A ADAPTAÇÃO AO COTIDIANO UNIVERSITÁRIO

Primeiro é preciso encontrar o prédio em que haverá aula. Depois, localizar em um mural de aviso, repleto de códigos, aquele correspondente à disciplina que se está procurando. Conferir no seu comprovante de matrícula se o código identificado no quadro é realmente o código da disciplina que procura. Se for, terá que localizar, nesse mesmo mural, a sala em que a disciplina será ministrada. Ah, também tem que ter cuidado, pois algumas disciplinas têm suas turmas divididas em aulas teóricas e práticas, sendo necessário verificar a qual turma pertence. Localizou o código, a disciplina, a turma, a sala [...]. Mas, no mural não há um mapa, então é preciso correr para achar a sala, esperando que elas sigam uma sequência numérica lógica. No caminho, alguns colegas ainda têm dúvidas, mas seguem juntos, assim é mais fácil. Chegam atrasados à aula, certificam-se de que estão na sala correta e se sentam rapidamente; logo já terão novas questões para se preocupar.

Ora, esta é uma sequência de ações típicas de um estudante em seu primeiro dia de aula; infelizmente, na maioria das vezes, ele não prevê esta sequência de acontecimentos e perde bastante tempo para realizar tarefas que, semestres depois, tornar-se-ão bastante simples. Este estranhamento em relação às tarefas relativas à vida universitária não se restringe ao primeiro dia ou à primeira semana de aula; afiliar-se à rotina acadêmica requer uma aprendizagem progressiva, que envolve diversas atividades vinculadas a esse ambiente.

Ao ver um quadro repleto de códigos, diz o estudante de Engenharia: *Rapaz... eu não tô entendendo nada, o que é isso aí? [...] como é isso aqui? Eu não sei traduzir isso aqui não [...].* Logo obtém a resposta de um colega: *[...] isso aqui é o código, você tem que olhar o código dessa matéria*

[...]. Com as indicações, ele efetua a leitura dos códigos e desvenda a utilidade atribuída a este sistema referente às disciplinas, avançando desta maneira na compreensão de um aspecto relevante de sua rotina acadêmica. Para Coulon (2008, p. 81), “Entrar na universidade é explorar e querer voluntariamente mergulhar nos códigos que definem esta organização, códigos estes, frequentemente, opacos ou ilegíveis”. O estudante de Direito também revela suas dificuldades em desvendar estes códigos, ainda no primeiro semestre, quando participava de uma semana do calouro, organizada por estudantes veteranos na sua Faculdade:

[...] eles fizeram assim [...] um momento com os estudantes, explicando como era o regimento da faculdade, como era pra fazer a matrícula, como era pra qualquer coisa, pra trancar a disciplina, trancar semestre [...] Hoje eu não lembro de nada que eles falaram, mesmo porque era uma língua que a gente não dialogava. (Estudante de Direito)

A vida universitária é composta por um conjunto de regras e o estudante é convocado a apreender parte delas, ainda no primeiro semestre, a fim de garantir sua permanência nesse ambiente. De acordo com a compreensão etnometodológica, a utilização de uma regra não está contida no seu enunciado. A utilização que as pessoas fazem deste enunciado e as ações que são engendradas é que definem uma regra propriamente dita. Este princípio remete à noção de indexicalidade, afinal, toda a linguagem é significada a partir do contexto; sendo assim, é preciso fazer parte do contexto para apropriar-se de uma determinada linguagem. Na semana do calouro, os estudantes recém-ingressos no curso de Direito não compartilhavam a mesma linguagem dos veteranos, eles ainda não eram considerados membros, não tinham adquirido o *status* de estudante universitário. Desta forma, o estudante de Direito só poderia apreender as regras que foram listadas, quando desenvolvesse etnométodos que garantissem a sua inserção neste universo. Para Coulon (1995b), as pessoas que se mantêm presas às regras tendem fatalmente a fracassar na tentativa de afiliação a um novo contexto.

O estudante de Direito também relata a grande quantidade de informações das quais deve se lembrar, necessárias que são para a execução das tarefas no cotidiano universitário. Parte delas refere-se a números e senhas que dão acesso aos serviços utilizados pelos estudantes. É preciso lembrar-se do número da matrícula e também da senha para realizar a matrícula na internet, há também uma senha para a biblioteca, além de cadastros na assistência estudantil e para acesso à internet no Centro de Processamento de Dados. Por não conseguir memorizar todos estes dados, registrava as informações mais importantes: *E eu lembro que eu anotava né, tudo anotadinho, CPD [Centro de processamento de dados] do lado, escondido na agenda pra ninguém achar porque senão eu me perdia naquele tanto de senha.*

Cada estudante encontrará modos específicos de afiliar-se institucionalmente, segundo a etnometodologia, cada um apresentará diferentes etnométodos. O estudante de Engenharia, por exemplo, revela que suas dúvidas, logo no primeiro dia de aula, quando teve acesso ao mural com os códigos das disciplinas, foram solucionadas por outro estudante. O conhecimento demonstrado pelo colega que o ajudou faz com que o estudante acredite que ele já fazia parte do ambiente acadêmico ou que, ao menos, conhecia outras pessoas que já eram “membros” da universidade: *Acho que ele já tinha conhecimento com gente que já tava lá dentro e conhecia e explicou, porque eu não sabia.*

Uma das formas de acessar as informações que definem o cotidiano da educação superior é através do estabelecimento de contatos na universidade, se possível, ainda antes de chegar até ela, pois essa estratégia facilita a chegada do estudante na educação superior, do mesmo modo que amplia a compreensão acerca do funcionamento da instituição.

Mas, se levarmos em conta que os participantes desta pesquisa são muitas vezes os primeiros a acessar o ensino superior em suas respectivas famílias ou rede social, como ter acesso a esses conteúdos previamente? Esses estudantes rompem com uma tradição ordinária em seu meio, que é a reprodução, há muitas gerações, de uma escolaridade de curta duração. Esse fato conduz, inevitavelmente, a um desconhe-

cimento da rotina universitária, que só pode ser superado pela própria vivência acadêmica, principalmente a vivência com outros estudantes provenientes da mesma origem.

Cada conquista marca uma etapa do processo de afiliação do estudante e reafirma sua permanência no ensino superior. Ainda na primeira semana de aula, o estudante de Odontologia não conseguia localizar as salas onde seriam ministradas as disciplinas:

Eu achava que era aula teórica, era aula prática e eu ficava meio perdido ali naquele ICS [Instituto de Ciências e Saúde]. Eu ia pra aula de Microbiologia, entrava e era outra turma, não era a turma de Odonto, era engraçado naquela época. (Estudante de Odontologia)

Esse estudante relata que, antes do início das aulas, visitou os prédios que frequentaria ao longo do semestre. Mesmo já conhecendo esses prédios, foi grande sua dificuldade em localizar as salas onde sua turma se encontrava; incapaz de distinguir entre turmas teóricas e práticas, perdeu algumas aulas durante a primeira semana. O prolongamento desta dificuldade acarretaria possivelmente a perda de novas aulas, desequilibrando a conclusão do semestre e constituindo um risco à sua permanência. Aos poucos, conversando com outros estudantes, ela iria descobrir o local e horário das suas aulas; foi preciso situar-se no espaço e no tempo da universidade.

Algumas destas situações enfrentadas pelos jovens com bastante dificuldade no início de sua vida universitária são referenciadas por eles com menos pesar depois de algum tempo. O estudante de Odontologia, por exemplo, afirma que era “engraçado” percorrer a universidade à procura da sua turma na primeira semana de aula. O estudante de Direito, em um registro similar, afirma que era “interessante” quando ele chegava à biblioteca e precisava de um livro, mas não sabia fazer a reserva, depois corrige: [...] *eu acho interessante hoje, mas na época era uma dor de cabeça [...]*.

O processo de afiliação promove uma descoberta de interpretações que estavam invisíveis ao estudante; afiliados, eles parecem não re-

conhecer mais sua cegueira inicial, ou, ao menos, não se incomodam da mesma forma com os primeiros tropeços. Em alguns momentos, os estudantes parecem não saber explicar como aprenderam determinados mecanismos da educação superior e, só ao longo da entrevista, desenvolvem o raciocínio subjacente às suas ações. O estudante de Direito, por exemplo, revela como agiu para superar sua dificuldade relacionada à reserva de livros:

Porque eu lembro que a página [refere-se à página virtual da biblioteca] ela não é muito clara, de reserva, você vai lá, acessa 'Usuário', e depois tem lá: 'Reserva.' Aí tem dois campos em branco, eu não sabia o que preenchia, até que conversando com outras pessoas aí eu comecei a ver como era reservar, aprendi a reservar [...] Aí a gente vai descobrindo as coisas né? Desse jeito assim, com conversa, muito a partir da conversa mesmo com as pessoas.

Todos os estudantes entrevistados aproximam-se de outros colegas, preferencialmente aqueles que já estão há mais tempo na educação superior, e lançam suas dúvidas acerca dos códigos universitários. Este foi o etnométodo principal identificado para a afiliação ao sistema de regras da universidade. Coulon (2008), em sua pesquisa sobre a afiliação de estudantes universitários franceses ao ensino superior, também conclui que as informações reais e práticas são transmitidas comumente pelos colegas mais velhos; os manuais e informações oficiais não figuram como indicadores principais na passagem de conhecimentos, provavelmente pela pouca efetividade.

Alguns estudantes de origem popular, eventualmente encontram outros sistemas de suporte que auxiliam seu processo de adaptação. A estudante de Medicina, por exemplo, descreve o apoio que recebeu do casal com quem morava durante os seus primeiros dias de aula:

Pra matrícula mesmo eles foram comigo, porque assim, eu não sabia andar de ônibus, né? Então todos os lugares que eu ia, eu ia com eles. Então eles iam, me levavam lá de carro, me buscavam, então era aquela coisa. Foi assim até umas duas semanas e era muito difícil porque às vezes eu ligava

pra ele né, pra poder vir me buscar que eu tinha que ir pra outro lugar, mas ele tava ocupado [...].

Receber o apoio desse casal permitiu que a estudante desenvolvesse suas atividades de forma bem-sucedida; foi possível realizar a matrícula, deslocar-se de um campus para o outro, sem atrasos ou dificuldades; no entanto, a estudante não construía o seu processo de afiliação universitária. Ela não conseguia ainda compreender as regras e códigos da educação superior, pois não conduzia suas próprias ações. As ações eram desenvolvidas pelo casal e ela percebeu que essa situação não deveria perdurar, pois eles desenvolviam outras atividades e não poderiam auxiliá-la por muito tempo nesta etapa. Para apropriar-se do funcionamento desse sistema precisou, então, desenvolver novos etnométodos: *Quando eu encontrava alguém eu perguntava que ônibus eu vou pegar, isso pra colegas [...] Aí aprendi primeiro ir pra Ondina, foi o primeiro trajeto de ônibus [...] aos poucos fui me acostumando e hoje consigo andar tranquilamente [...].*

Quando as ações passam a ser engendradas pela própria estudante, e não mais por seus cuidadores, ela apreende o funcionamento da rotina estudantil; já não precisa mais recorrer a eles para deslocar-se entre os campi, por exemplo. Ela salienta, no entanto, o cuidado que possui ao receber algumas informações: não considera as indicações de qualquer pessoa e prioriza apenas aquilo que é dito por seus colegas mais próximos. Para Coulon (2008), os estudantes comumente têm a sensação de que podem estar sendo enganados, por isso costumam verificar a veracidade das informações que lhes são fornecidas. Isso ocorre, possivelmente, por conta das informações contraditórias que circulam neste ambiente; mesmo funcionários da universidade costumam não apresentar um consenso em relação a determinados procedimentos, o que provoca a desconfiança do estudante que precisa assegurar a informação antes de executar uma ação.

CONCLUSÃO

A consolidação do processo de afiliação institucional permite ao estudante desenvolver diferentes novas ações no espaço universitário que resultam, por sua vez, em outras importantes ações relativas à sua permanência. É preciso, em um primeiro momento, situar-se, temporal e espacialmente, para então apropriar-se das regras do ambiente. Apropriando-se das regras, os estudantes desenvolvem novas formas de fruição, otimizando o cotidiano e aproximando-se de uma vivência universitária mais consistente.

Acompanhar estudantes mais velhos para compreender o funcionamento do cotidiano acadêmico é um dos etnométodos mais frequentes utilizados pelos estudantes recém-ingressos. Inicialmente, eles costumam dirigir-se a setores da universidade para esclarecerem suas dúvidas, mas, quando o fazem, costumam receber informações contraditórias que não reforçam a busca desse tipo de serviço. Têm igualmente dificuldades em compreender muitas das informações que são disponibilizadas pela instituição, no momento em que entram na educação superior; a forma como as informações estão descritas costuma ser incompatível com a linguagem do estudante que ainda não detém os códigos da universidade. Deste modo, é possível discutir a produção de modos alternativos de divulgação de procedimentos úteis e necessários e buscar uma utilização maior, seja de registros duráveis, como cartilhas ou informações disponibilizadas on-line, com recursos de interatividade, para que o estudante tenha como verificar e confirmar algumas instruções ao longo do seu primeiro ano universitário.

Para os estudantes do interior, o processo de afiliação não se restringe ao ambiente acadêmico; antes de se localizarem nas suas faculdades, precisam localizar-se nos espaços urbanos. Situar-se espacialmente na cidade é pré-requisito para uma compreensão posterior dos seus respectivos campus e para o deslocamento entre as unidades e serviços

universitários. A UFBA, diferente de outras universidades públicas, constituiu-se geograficamente de forma descentralizada, o que compromete a apreensão desse espaço e o deslocamento dos estudantes.

Todas essas questões, que se tornam risíveis aos estudantes, após certo tempo na educação superior, são, inicialmente, vivenciadas por eles com grande aflição, frente a um espaço desconhecido, com modos e regras específicos e cuja compreensão determina todo o seguimento do curso. Para o jovem de origem popular, essa compreensão do modo de ser da universidade e do modo de ser universitário pode ser retardada por um desconhecimento, tanto do estudante, quanto da sua família, no que toca às rotinas acadêmicas. Os alunos oriundos de escolas particulares geralmente chegam à universidade com um maior entendimento das regras que guiam a educação superior.

Para afiliarem-se, os estudantes de origem popular precisam constantemente recorrer a outros alunos, ou eventualmente a funcionários e professores. A entrada na educação superior convoca esse jovem a fazer parte de novos grupos e a estabelecer novas interações. Sendo assim, é possível presumir que sua permanência dependerá da natureza das relações que eles estabelecem no interior da universidade.

A afiliação institucional é apenas um dos pilares que constituem a vida universitária e que possibilitam a permanência no ensino superior. Este artigo também aponta outras dimensões essenciais para a formação do estudante, como a afiliação intelectual e as interações estabelecidas no ambiente acadêmico. Para tornar-se estudante universitário é preciso superar as adversidades e filiar-se a um novo espaço, apreendendo seus modos e seus usos.

REFERÊNCIAS

- COULON, Alain. *Etnometodologia*. Petrópolis: Vozes, 1995a.
- _____. *Etnometodologia e educação*. Petrópolis: Vozes, 1995b.
- _____. *A condição de Estudante: a entrada na vida universitária*. Salvador: EDUFBA, 2008.
- MALINOWSKI, Nicolas. Diferenciación de los tiempos estudiantiles e impacto sobre el proceso de afiliación en México. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*, Manizales, v. 6, n. 2, p. 801- 819, 2008.
- MORIN, Edgar. *Os Sete Saberes necessários à Educação do Futuro*. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2000.
- NETTO, Tânia Maria de Castro Carvalho; SÁ, Márcia Souto Maior Mourão. Ações afirmativas na universidade pública brasileira: (uma) resposta inclusiva às exclusões. In: CONGRESSO LUSO-AFRO-BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, 8., 2004, Coimbra, *Anais...* Coimbra: Centro de Estudos Sociais, 2004, p. 1-10.
- PIOTTO, Débora Cristina. *As exceções e suas regras: estudantes das camadas populares em uma universidade pública*. 2007. 361 f. Tese (Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2007. Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Clotilde Rossetti-Ferreira.
- QUEIROZ, Delcele Mascarenhas. O negro e a universidade brasileira. *Asociación de Historia Actual*, n. 3, p. 73-82, 2004.